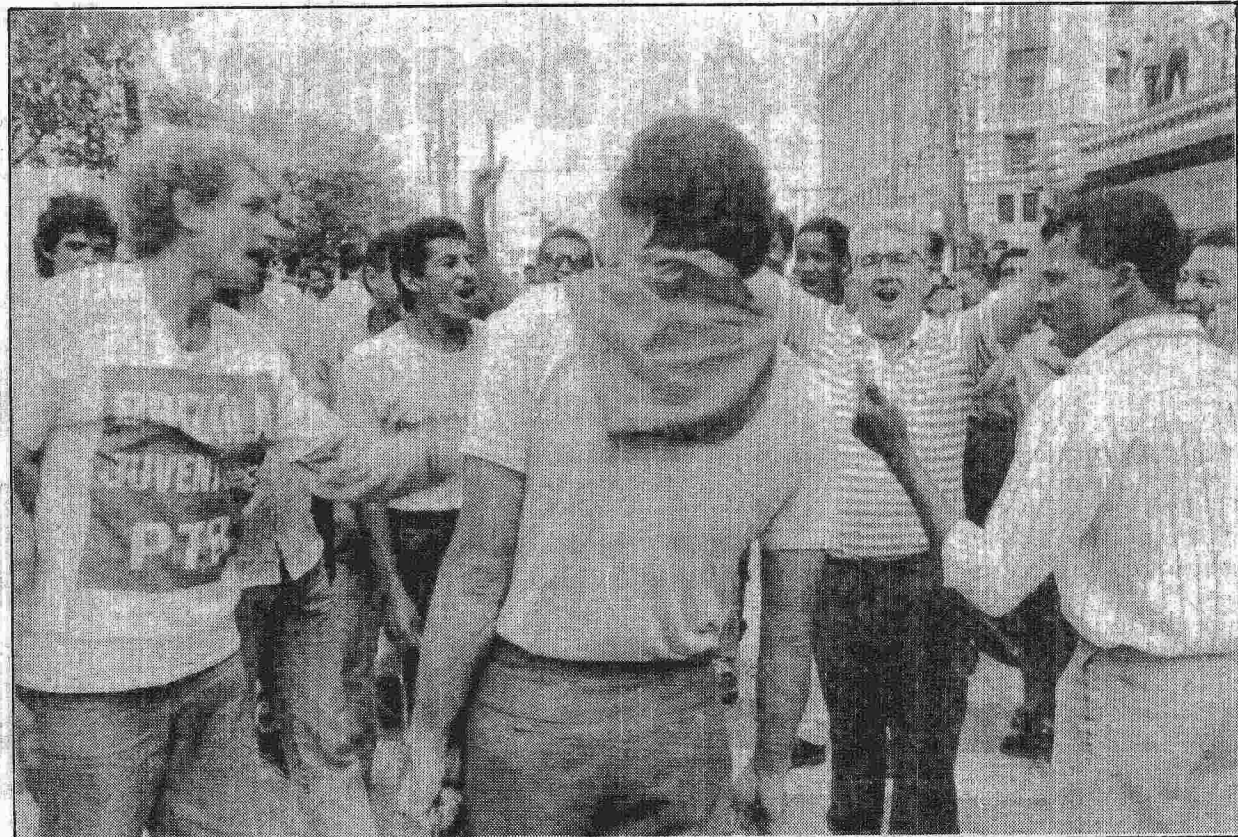




Valéria e Cilene, brizolistas e apostando na união das esquerdas para o segundo turno.



Em frente ao Mappin, um festivo tumulto entre lulistas, colloristas e brizolistas.

E a cidade já passou para o segundo turno

“Sou Brizola na cabeça, só para ferrar o Lula!“. Os motoristas de praça geralmente são malufistas, mas Jurandyr Bezerra excede. No ponto de táxi da rua Marconi, liderando os comentários na roda de motoristas, batia no peito: “Sou Maluf até a morte”. No centro da cidade, meio de tarde, o **day after** reacendia as paixões da véspera. Nas rodinhas, aglomerados e quase tumultos discutia-se a disputa Lula-Brizola para o segundo turno, àquela hora travada nas mesas de apuração. Bezerra estufou o peito: “A Brundina já acabou com a cidade. Se o Lula for presidente, vendo meu táxi e vou ser ambulante no viaduto do Chá.”

Seu amigo de ponto, Antonio Cicero dos Santos, mais sereno — mas nem um pouco menos malufista —, anunciava: “Se o Maluf apoiar o Collor no segundo turno, eu voto nesse homem. Mas se o Maluf não apoiar, anulo o voto”.

Em um banco da praça D. José Gas-

par, quatro amigos, companheiros de trabalho em cobrança e assessoria jurídica, também discutiam o segundo turno. Na mesma linha do motorista Bezerra, um deles, Ademir Carlos Gonçalves, torcia por Brizola para não dar Lula: “PT é muito radical. O comunismo está acabando na Europa e eles ainda vêm com isso”. Mas o Lula é socialista... “Que nada. Eles querem é bagunçar o coreto.” E um dos outros, Fernando de Lucca Netto, ia pelo mesmo tom.

Dos outros dois, Luiz Carlím, brizolista, desfiava as qualidades de seu candidato (“é durão, tem autoridade”) e o outro, o afifista José Rubens Monicci, estava indeciso. “Votei no Afif porque era o melhorzinho. Agora, se der Brizola, entre ele e Collor...” Os amigos acabaram resolvendo a questão: “Na sexta-feira a gente toma uns conhaques e faz a cabeça dele”.

Na Barão de Itapetininga, o homem-placa (ou plaqueiro) e o homem ouro

(com a camiseta “compra-se ouro”) tinham muito que discutir. Edilson Pereira Alves, carregando a placa com anúncios de empregos, tinha votado em Covas. “Como prefeito, lembrou-se dos deficientes físicos e dos velhos. Imagine se fosse presidente...” Como não foi, Edilson preparou-se para Lula no segundo turno. Mas Wellington Xavier dos Santos, o do ouro, fez “xiii” ao ouvir o nome do petista. “Eu sou Brizola, porque ele é muito inteligente” — explicou.

No meio da discussão que se seguia, Luiz Ferreira, um plaqueiro momentaneamente sem placa, interveio: “Não concordo com nada disso. Eu acho que o homem é o Collor, o único realmente interessado em fazer as coisas”. Collor? — reagiu o grupo. E Edilson despejou, debaixo de sua placa: “Mulher não devia votar. Foram elas que elegeram o Collor, porque é bonitinho, isso e aquilo. Quero ver quando a fome apertar, como elas vão fazer para en-

cher a barriga”. A discussão perdeu a graça com a peroração de Ângelo do Nascimento, um collorista enrustido: “Acho que todos os candidatos são bons, o que ganhar só pode ser o melhor”. O grupo dispôs-se.

Na frente do Mappin, um tumulto bem-humorado, de gestos e slogans partidários. “Lulubeca!” — gritava um animado grupo de colloristas, com os dedões em sinal de negativo. “Collor não é de nada” — reagia a turma de Lula e de Brizola. José de Oliveira, autônomo, comandava o pelotão pró Collor: “É a última esperança do Brasil”. Joaquim de Azevedo, motorista de caminhão, respondia (tudo isso aos gritos): “O Lula entrou de baixo de carro, é um trabalhador. Nós também somos, vamos votar um trabalhador no outro”. E o brizolista Ronaldo Chaves, vendedor: “Brizola é o único candidato que fala e faz”. Pelas ruas, no centro, apanhavam-se frases soltas de animadas conversas: “No

Brasil só há dois candidatos sérios: Brizola e Lula” (um brizolista). “Estamos cansados de tanta **descaração**” (um lulista). “O Collor pode ter aprontado, mas quem não aprontou?” (um collorista). Na Sete de Abril, duas estudantes, com o lenço vermelho dos brizolistas no pescoço, vinham muito agitadas: “Fizemos boca-de-urna, fomos fiscais de apuração, mas estamos tão ansiosas que não conseguimos parar em casa”. Cilene Fiúza e Valéria Pássera, estudantes de Letras, “militantes de coração”, estavam a caminho de seu comitê, contando com a vitória de seu candidato. E com a união da esquerda, no segundo turno: “A briga de Brizola e Lula no primeiro turno foi só estratégia política, porque um queria derrotar o outro. Mas no segundo turno estarão juntos”.

Anoiteceu, e as pessoas ainda discutiam: Lula, Brizola... As vitrinas e as luzes públicas acenderam-se com essa dúvida.

Valdir Sanchez